

OLIVER BULLOUGH

Autor de *O País do Dinheiro*

O MORDOMO *do* MUNDO

**Como a Grã-Bretanha se Colocou
ao Serviço de Magnatas,
Cleptocratas e Corruptos**



«Oliver Bullough
apoiou-se numa metáfora
espiritosa e inteligente
para escrever um livro
fascinante.»

The Wall Street Journal



v o g a i s

ÍNDICE

Nota do Autor	5
1 O Negócio do Mordomo	11
2 Sol, Areia, Canal	25
3 Gente Prática	39
4 Traumatismo	71
5 Sólido como um Rochedo	103
6 A Lavandaria Escocesa	139
7 Descer aos Túneis	163
8 Prestar Testemunho	195
9 «Justiça»	225
10 Fim?	247
Fontes	269
Agradecimentos	279
Índice Remissivo	281

NOTA DO AUTOR

Só sabemos quem são os nossos verdadeiros amigos em situações de crise, e a crise da Ucrânia não é exceção. Habitualmente, os políticos europeus abraçam os valores europeus — democracia, liberdade, autodeterminação —, mas quando a Rússia invadiu a Ucrânia esses valores revelaram-se não ser tão fortes como nos quiseram fazer crer.

Sim, tínhamos de deixar de financiar a máquina de guerra de Vladimir Putin; mas não, não devíamos ainda deixar de comprar petróleo e gás. Sim, acreditamos no direito dos ucranianos de decidirem o seu próprio futuro; mas não, não queremos impor custos inaceitáveis à nossa base industrial.

As muito apoiadas nações do velho Bloco de Leste, sobretudo a Polónia e os Estados Bálticos, têm forçado o ritmo, arrastando os supostos países-chave da União Europeia atrás de si. Podemos esperar hesitação da Hungria, com o seu próprio putin ao comando, mas tem sido desapontante ver a Itália, a Alemanha, a Áustria e a França a porem o dinheiro à frente dos princípios.

Para ser justo, nada disto devia constituir uma surpresa. Os europeus com memória do que é a ocupação russa há muito que se debatem com as políticas facilitistas dos vizinhos situados

mais confortavelmente a oeste. Onde houve surpresa genuína, no entanto, foi aqui na Grã-Bretanha. Desde o Brexit, temos sido a pedra no sapato da Europa, o tipo irritante numa festa que não muda de opinião nem de assunto. Já perdi a conta ao número de amigos perplexos de países europeus continentais que me perguntam o que se passa na Grã-Bretanha.

Os ucranianos são o único povo a ser morto — por russos e, antes da revolução de 2014, pelos próprios serviços de segurança — enquanto acenam a bandeira europeia, pelo que seria de pensar que não teriam tempo para o governo autoindulgente e antieuropeu do Reino Unido. Mas, estranhamente, o oposto aconteceu. Graças a um elevado número de armas enviado cedo, e com frequência, bem como a uma retórica acérrima e apoio de informações de Londres, os britânicos têm dado por si na posição invulgar de pela primeira vez em anos serem mundialmente populares. As cruces vermelha, branca e azul da Union Jack têm esvoaçado ao lado das bandeiras da Polónia e da Europa em demonstrações na Ucrânia: o primeiro-ministro Boris Johnson pode ser desprezado em Bruxelas, mas é entusiasticamente bem-vindo em Kyiv.

Um amigo meu, um jornalista britânico que trabalhou na Europa de Leste mais de uma década, está tão impressionado com o fervoroso apoio que Johnson tem demonstrado pelos ucranianos que diz que irá votar pelo Partido Conservador, apesar de até agora só ter apoiado o Partido Trabalhista. Outro amigo com quem se pode contar para ser cético quanto aos motivos do governo britânico enviou-me recentemente uma imagem retirada do filme *O Senhor dos Anéis* sobreposta com bandeiras de variados países. Frodo Baggins, o corajoso líder, é, naturalmente, ucraniano; e os outros três *hobbits* são os três Estados Bálticos. Gandalf, o feiticeiro grisalho, representa os Estados Unidos, refletindo o seu papel enquanto arsenal da democracia; mas Aragorn, o nobre guerreiro que se torna rei, está enrolado na bandeira britânica, refletindo

o papel do Reino Unido como peça central da irmandade reunida para derrotar o necromante (escusado será dizer que Sauron representava Putin).

Por outro lado, é frequente a Grã-Bretanha chegar-se à frente quando há uma crise. Talvez a demonstração mais notável deste facto tenha sido o que se seguiu aos ataques de 11 de setembro de 2001, como revelou o general Michael Hayden, antigo diretor da NSA, a Agência de Segurança Nacional, nas suas memórias de 2016, *Playing to the Edge*. Em dezembro de 2003, agentes dos serviços de informação americanos mostraram preocupação de que terroristas armados com uma bomba nuclear pudessem atacar Fort Meade, a base a partir da qual a NSA controla a sua vasta operação de recolha de informações. Agentes esquadrinharam o país à procura da célula da Al-Qaeda, e os seus orientadores estavam em permanência nos escritórios, apesar da época festiva. Estavam a ser tão meticolosos quanto podiam, mas havia ainda a possibilidade de os terroristas escaparem, e Hayden precisava de se preparar para o pior. Tinha de garantir que a sua agência poderia continuar a defender a América mesmo que os terroristas alcançassem o seu alvo, detonassem a bomba, ele morresse e a NSA ficasse decapitada. Então, o que fez ele? Telefonou para o seu homólogo britânico — David Pepper, diretor do CGHQ (quartel-general de comunicações do governo), a SIGINT do Reino Unido.

«Feliz Natal, David», desejou ele, antes de ir diretamente ao assunto. «Estamos-nos a sentir algo ameaçados aqui, por isso disse ao meu agente de ligação com o SIGINT que, se acontecer algo catastrófico em Fort Meade, o funcionamento do SIGINT americano passa para o GCHQ, apenas por precaução. Por isso, se formos abaixo, o comando é teu.» De acordo com um relato dado posteriormente num evento de promoção do livro, houve «uma longa pausa».

A incredulidade de Pepper não surpreende. A NSA é provavelmente a agência mais forte do mundo, e Hayden estava

preparado para passar o comando a um país estrangeiro, a confiar num estrangeiro para defender os Estados Unidos em nome dele. Ficamos a saber quem são os nossos verdadeiros amigos numa crise, e todos gostaríamos de ter amigos assim tão confiáveis.

Ou não?

Este livro é sobre uma Grã-Bretanha diferente, uma que não é amplamente publicitada, mas que há muito tem sido mais relevante do que a imagem pública que o país oferece. Há décadas que a Grã-Bretanha basicamente gere duas políticas externas. A primeira tem estado à vista durante a crise da Ucrânia e foi visível na época do general Hayden, em 2003, e é aquela de um aliado próximo para os seus amigos em tempos de provações. Esta é a Grã-Bretanha que lutou sozinha durante a Segunda Guerra Mundial, a nação que nunca se renderia ao fascismo e que, em consequência, merece reconhecidamente a maravilhosa árvore de Natal que os noruegueses nos enviam todos os anos (e pela qual agradecemos!).

A segunda política externa é sigilosa, praticamente não anunciada e facilmente passa despercebida. Mas tem — como este livro irá explicar — sido uma parte constante da interação de Londres com o mundo desde a década de 1950. Quando a Grã-Bretanha perdeu o seu império, e com ele o seu papel central na economia mundial, precisou de encontrar uma nova forma de ganhar a vida. Estava falida e não se podia dar ao luxo de invadir outros países, roubá-los e impor a sua vontade sobre as populações. Então, o que restava? Podia ter perdido o seu império, mas ainda sabia como gerir um, portanto, criou um novo modelo de negócio como conselheira de pretensos-construtores-de-impérios, ajudando oligarcas a gerir os seus bens roubados tão tranquila e eficientemente quanto possível.

A Grã-Bretanha pode apresentar-se agora como feroz defensora dos democratas ucranianos contra a cleptocracia do Kremlin. Porém, até ao deflagrar da guerra, a Grã-Bretanha era o destino

preferido para os oligarcas de Putin investirem o seu dinheiro, e para angariarem dinheiro: são proprietários de mansões em Londres, educam os filhos em escolas inglesas, vendem ações na Bolsa de Valores de Londres e resolvem as suas disputas legais nos tribunais ingleses. Os comandantes dos seus superiates são britânicos, os seus advogados são britânicos, e as suas empresas-fantasma também são britânicas. E, embora tenha referido sobretudo oligarcas da Rússia desde que a guerra começou, o mesmo se aplica a oligarcas de outros países. Os magnatas ucranianos que tanto se esforçaram para impedir que a democracia se estabelecesse em Kyiv têm usado os serviços da Grã-Bretanha, os bancos de Londres, e comprado os seus brinquedos brilhantes nas casas de leilões londrinas. E o mesmo é verdade para oligarcas oriundos de tantos outros países.

Esses magnatas encontraram serviços em Londres que não poderiam ter encontrado noutra lugar, e tem beneficiado em conformidade. Os seus impérios de negócios e influência política têm crescido mais depressa e ido mais longe graças aos conhecimentos imperiais da Grã-Bretanha. Têm sido capazes de roubar mais, de manter mais daquilo que roubam, de gastar mais das suas fortunas ilícitas, e de cimentar o controlo cada vez maior das suas nações graças à ajuda de Londres. Não se rouba dinheiro que não se consegue manter, e, desde que a Grã-Bretanha tem ajudado a mantê-lo, isso faz de Londres cúmplice no roubo.

E isso coloca a desconfortável questão de que, não fosse este aconselhamento personalizado, e o sucesso que representou para os oligarcas, as crises que a democracia tem enfrentado por todo o mundo teriam sido consideravelmente menos graves do que se têm revelado.

A Grã-Bretanha pode ser a amiga dos democratas quando as crises rebentam, mas, nos anos que as antecedem, é a facilitadora dos antidemocratas, alimentando assim as crises que posteriormente ajuda a confrontar. Imagine um médico que espalha

doenças e depois se chega à frente com gesso e uma aspirina; ou um banqueiro que lhe atira algumas moedas depois de retornar a sua casa. Se a Grã-Bretanha é uma personagem de *O Senhor dos Anéis*, não é o puro e nobre Aragorn, mas sim Grima Língua de Cobra, o conselheiro do rei Théoden, que, na verdade, o havia estado a prejudicar o tempo todo.

A posição da Grã-Bretanha como mordomo do mundo é lucrativa e bem arraigada. Os rendimentos de milhares de britânicos influentes dependem da disponibilidade do país para aceitar dinheiro sujo, do fracasso em julgar crimes financeiros, ou de aplicar as suas próprias regras para impedir a lavagem de dinheiro. Mas há um descontentamento crescente acerca de com quem temos negociado, e que crimes poderemos ter facilitado no processo. Penso que as pessoas fora do Reino Unido necessitam de uma análise lúcida do seu verdadeiro papel no mundo, para que sejam capazes de ver para lá da retórica, para apreciarem as duas políticas externas e para compreenderem a posição central que detém na economia criminosa internacional. Espero que seja isto o que encontre neste livro.

Setembro de 2022

1

O NEGÓCIO DO MORDOMO

Há um par de anos, um académico americano convidou-me para beber um café. Chamava-se Andrew. Estava a investigar o dinheiro chinês e procurava saber de ativos de propriedade chinesa em Londres e o que o governo britânico estava a fazer para garantir que os seus proprietários haviam obtido a sua riqueza de modo legal. De vez em quando, recebo pedidos destes graças ao meu papel de guia nos Roteiros de Cleptocracia de Londres, que percorrem mansões que são propriedade de oligarcas nas zonas mais caras de Knightsbridge e Belgravia, e gosto de ajudar quando posso.

Encontrámo-nos num café no primeiro andar de uma livraria num edifício bastante grandioso da Trafalgar Square — um edifício que, ironicamente, tendo em conta o tópico do nosso encontro, tinha sido trocado entre oligarcas ucranianos em 2016 para resolver uma disputa, do mesmo modo que o meu filho poderia dar a um amigo um cromo valioso de futebol depois de se terem chateado no recreio.

Andrew tinha vindo bem preparado para o encontro e trazia uma lista na qual ia fazendo cruzinhas, claramente concebida para gerar uma lista de nomes de outras pessoas com quem

poderia falar. Qual era a agência institucional que mais estava a fazer para controlar a ameaça da lavagem de dinheiro chinesa? Quem seria a melhor pessoa com quem falar nessa agência? Quais eram os procuradores públicos que tinham defendido os melhores casos? Quem tinha feito a pesquisa mais robusta sobre o volume de dinheiro de origem chinesa no Reino Unido, e quais os ativos que habitualmente esse dinheiro comprava? Quais os políticos que estão mais atentos à questão, e como é que se organizam entre si?

Devido à língua em comum, os americanos e os britânicos acham muitas vezes que os dois países são mais parecidos do que realmente são, o que é algo de que eu próprio também sou culpado. Quando faço investigação nos Estados Unidos, fico constantemente espantado com a disponibilidade dos responsáveis para se sentarem comigo e explicarem o que fazem. Telefonei-os sem uma introdução prévia, e, no entanto, vezes sem conta, confiam em mim para manter pormenores específicos das nossas conversas em *off*. Documentos legais são fáceis de obter, e os procuradores mostram-se dispostos a discuti-los. Os políticos, entretanto, parecem acreditar genuinamente na importância de comunicar o seu trabalho a um público mais alargado, o que significa que gostam de falar com escritores como eu. Os jornalistas americanos queixam-se das suas condições de trabalho, como toda a gente faz em todo o lado, mas para um europeu fazer investigação sobre crimes financeiros nos Estados Unidos é uma experiência tão inebriante como deixar um miúdo à solta numa loja da Lego.

Andrew, contudo, estava a descobrir que, infelizmente, a surpresa agradável não funciona na direção contrária. Acho que ele devia estar à espera de que eu partilhasse contactos dos homólogos britânicos do tipo que encontro sempre sem grandes problemas quando visito Miami, Washington, São Francisco ou Nova Iorque. É possível que ele tivesse tido alguma preocupação de

que eu me recusasse a partilhar a minha agenda de contactos, mas parece não lhe ter passado pela cabeça que eu não tivesse uma agenda para partilhar; que, na prática, as pessoas que ele procurava não existissem.

Disse-lhe que não existia nenhum esforço concertado das autoridades para impedir a lavagem de dinheiro pelos chineses, e por isso não existia nenhum investigador que pudesse falar com ele sobre o assunto. Na prática não houve acusações e, portanto, não havia nada que ele pudesse consultar, e não existe praticamente investigação sobre o destino final do dinheiro, como lá chega, ou mesmo quanto existe.

Ele insistia em fazer as mesmas perguntas por ângulos diferentes, quase como se achasse que lhe bastava encontrar a palavra-passe certa para abrir a porta que escondia o mecanismo de cumprimento das leis na Grã-Bretanha. Onde estava o homólogo da Brigada de Corrupção Internacional do FBI? Quem fazia o trabalho da Equipa de Cleptocracia no Ministério da Justiça? Então e as Investigações da Segurança Interna; tinha a Grã-Bretanha algo de parecido? Os procuradores estavam a preparar casos, numa versão britânica do Southern District de Nova Iorque? Desmantelar uma grande rede chinesa de lavagem de dinheiro era o tipo de caso que garantia uma carreira? Quais as comissões parlamentares que estavam a investigar isto? Alguém estaria certamente a fazê-lo? Ao ouvi-lo falar, comecei a ver a situação através dos seus olhos, o que me deu uma perspetiva em que nunca tinha pensado antes.

O problema era que ele podia continuar a tentar palavras-passe diferentes até as galinhas terem dentes que isso não o levaria a lado nenhum: não existia uma caverna do tesouro que ele pudesse abrir. Se ele queria saber quanto dinheiro de origem chinesa estava a entrar no Reino Unido, quem o estava a movimentar e o que estava a comprar, teria de começar do zero e fazer ele próprio todo o trabalho. Andrew viera a Londres para descobrir como

é que a Grã-Bretanha estava a combater o financiamento ilícito, mas estava a descobrir que isso não se verificava. Na verdade, o que existia era o seu inverso.

Claro que não é apenas a Grã-Bretanha que ajuda os cleptocratas chineses e os criminosos a lavar dinheiro. O sistema financeiro na sombra usado pelos criminosos chineses é de natureza transnacional. Transcende jurisdições únicas, e o seu poder e resiliência derivam do facto de não confiar num único sítio: se uma jurisdição se tornar hostil, o dinheiro muda sem esforço para outra que não o é. E o sistema cresce constantemente, à medida que advogados, contabilistas e outros persuadem os políticos a darem-lhes acesso ao tipo de comissões que podem cobrar movimentando dinheiro. Pode-se encontrá-los no Dubai, em Sydney, no Lichtenstein e no Curaçau, tanto como na Suíça ou em Nova Iorque. Mas é em Londres que mais os encontramos.

E o que comecei a compreender ao falar com Andrew foi como a Grã-Bretanha está muito mais investida nestes negócios do que todos os outros locais de que falei. A trapaça financeira não é apenas algo que *acontece* no Reino Unido; existe um esforço concertado de décadas para encorajar que aconteça. Isto é difícil de compreender devido à discrepância tão grande da imagem pública da Grã-Bretanha: o país de Harry Potter, da rainha Isabel II e de Downton Abbey; um local definido pela ironia, pela tradição e por pequenos-almoços substanciais. Os banqueiros da máfia são rudes, e se há uma coisa que sabemos sobre a Grã-Bretanha é que é tudo menos rude. Mas factos são factos. Por maus que os outros países sejam, há décadas que a Grã-Bretanha é pior. Opera como uma enorme falha, subvertendo as regras dos outros países, massajando as taxas de imposto, neutralizando leis, lavando o dinheiro de criminosos estrangeiros.

Não se trata apenas de a Grã-Bretanha não estar a investigar os escroques; trata-se também de os estar a ajudar. Movimentar e investir o seu dinheiro é, claro, central ao que o Reino Unido

faz, mas esse é apenas o ponto de partida: está também a educar os seus filhos, a resolver as suas disputas legais, a facilitar a sua entrada na alta sociedade global, a esconder os seus crimes e, no geral, a deixá-los escaparem às consequências das suas ações. Eu já sabia disto, mas nunca tinha pensado nisso como se fosse um único fenómeno. Foram as perguntas de Andrew que o cristalizaram na minha cabeça.

«A Grã-Bretanha é como um mordomo», acabei por dizer, ao tentar explicar-lhe o que se estava a passar. «Se alguém é rico, quer seja chinês ou russo ou o que quer que seja, e precisa que se faça algo, ou que se esconda algo, ou que se compre algo, então a Grã-Bretanha trata disso. Não somos um polícia, como vocês; somos um mordomo, o mordomo do mundo. É por isso que não investigamos as questões que me coloca — não é isso o que um mordomo faz.»

Ele olhou-me por alguns instantes, talvez a tentar perceber se eu estava a falar a sério.

«Há quanto tempo é que isto é assim?», perguntou finalmente, e a resposta surgiu-me sem ter de pensar. Tornou-se de repente evidente.

«Começou na década de 1950. Precisávamos de um novo modelo de negócio depois de a América se ter tornado a superpotência do mundo, e foi isto que arranjámos.»

A nossa conversa não se alongou muito mais, e ele encaminhou-se para o Parlamento à espera talvez de encontrar um parceiro de conversa menos deprimente, mas eu fiquei sentado e pedi outro café. A ideia da Grã-Bretanha como um mordomo não era algo que me tivesse ocorrido antes, mas quanto mais pensava nela mais apropriada me parecia. Os mordomos têm todos os traços de carácter que a Grã-Bretanha declara mais valorizar — boas maneiras, desembaraço, discrição —, mas redirecionados para as maneiras obsequiosas de um criado, em vez da educação *noblesse oblige* de um senhor.

Tendo, no entanto, criado esta teoria, quis testá-la no mundo real, mas deparei-me imediatamente com um problema: eu nunca tinha conhecido um mordomo, pelo que a primeira coisa a fazer seria encontrar um, o que não me parecia ser algo muito difícil. Os mordomos britânicos são o padrão-ouro mundo fora, e na Grã-Bretanha floresce uma indústria de formação de pessoas para servirem como subordinadas dos oligarcas do mundo, pelo que liguei a uma escola de mordomos e marquei uma reunião. Alguns dias depois, estava a assistir a uma aula de arranjo floral numa cave junto a Covent Garden. Uma especialista em flores de meia-idade e aspeto algo equino estava a ensinar a um grupo de aspirantes a mordomos vindos de quatro continentes como decorar uma casa de campo com os frutos de um jardim inglês, assistida por um grande número de homólogos seus mais jovens, que se apressavam à sua volta com tesouras de poda.

Todas as semanas passava por esta cave um grupo diferente; como era possível que existisse suficiente procura para os serviços de toda esta gente depois de se formarem? «É óbvio, não?», respondeu-me uma canadiana de cabelos escuros que estava a entretecer hastes numa treliça. «Qualquer pessoa que se possa dar a esse luxo quer ter o seu próprio Jeeves.» Se eu fosse uma personagem de um desenho animado, nesse momento ter-se-ia acendido uma lâmpada por cima da minha cabeça. Esta indústria britânica na liderança global existe para resolver problemas aos seus clientes, de modo discreto e lucrativo, como Jeeves fazia a Bertie Wooster. Claramente, eu precisava de ouvir mais pormenores destes aprendizes, e decidi acompanhá-los quando entravam em casa dos muito ricos para ver o que acontecia a seguir.

Infelizmente, contudo, isso não aconteceu. Nessa altura o diretor do centro de ensino parece ter-me procurado no Google e descobriu que eu escrevo sobre crimes financeiros e não sobre profissões domésticas. Mostrou-se manifestamente menos solícito em ajudar-me a investigar o seu *métier*, e o meu acesso a mordomos

verdadeiros desapareceu. Assim, inspirei-me nas palavras da candidata canadiana e voltei-me para a obra de P. G. Wodehouse, autor das muitas histórias sobre Bertie Wooster e o seu «cavalheiro particular de cavalheiros», Reginald Jeeves.

Do modo como Wodehouse descreve Jeeves, ele é uma presença reconfortante, um homem de infinita sagacidade que ajuda Wooster e os seus amigos a saírem de alhadas, quer seja um noivado imprudente com uma jovem inapropriada, uma mesada retirada por um familiar idoso, a tentativa de uma família rival de roubar um cozinheiro ou o furto de um colar de diamantes para pagar uma dívida de jogo contraída durante a atividade de corretor ilegal de apostas. É tudo muito divertido, graças ao domínio natural que Wodehouse tem do seu estilo de prosa bem pessoal, mas pode também ser surpreendentemente sórdido.

Por exemplo, no conto *Without the Option*, um dos amigos de Bertie é preso por ter esmurrado um polícia e corre o risco de cair no desfavor da sua tia rica se ela souber da situação. Depois de uma tortuosa série de peripécias, Jeeves consegue resolver tudo graças ao seu acesso a segredos policiais. Escrito por Wodehouse, é assaz divertido, mas não seria difícil de reescrever de modo a ficarmos com uma impressão muito diferente do criado pessoal de Bertie Wooster. Se nos concentrarmos nas ações de Jeeves em vez de nos seus modos encantadoramente conversadores e discretos, acabamos com algo de profundamente negro: um mercenário, alguém que resolve problemas mediante pagamento.

«Santo Deus, Jeeves! Mas não o subornou, espero?»

«Não, de todo, Sr. Wooster. Mas ele fez anos na semana passada, e ofereci-lhe um pequeno presente.»

Muito divertido, claro, mas eu já ouvi advogados ucranianos dizerem como resolveram disputas legais espinhosas com a ajuda de «um presente», e o modo como eles o diziam nunca soava divertido. Por trás do exterior requintado de Jeeves, está alguém preparado para ajudar quem tiver dinheiro para lhe pagar.

Tiremos-lhe a aparência imaculada, o sotaque educado e a sua capacidade de citar Marco Aurélio, e o que temos não é um mordomo, mas um *consigliere*. Pagar a agentes da polícia é apenas uma amostra dos seus talentos; numa ocasião ele deixa um polícia inconsciente com um golpe de cassetete, noutra silencia um fascista ao ameaçar revelar a fonte secreta da sua riqueza. Com uma tal cabeça, ele podia ter sucesso em quase tudo, mas dedicou-se exclusivamente a ajudar os muito ricos a esquivarem-se às consequências dos seus atos enquanto ganha bem a vida — muito acima do seu salário nominal — à conta das suas gratificações.

Ao longo dos últimos anos, os britânicos têm-se dedicado a discutir quem os deveria representar e, por extensão, de quem se deveriam orgulhar. O imperialista Cecil Rhodes tem atraído a maior atenção graças a uma estátua em Oxford, mas ele é apenas a ponta do icebergue. Quando os manifestantes do movimento Black Lives Matter atiraram para o porto de Bristol uma estátua do escravagista Edward Colston, ativistas de extrema-direita montaram guarda a estátuas de Winston Churchill, Robert Peel e outros políticos há muito falecidos. A BBC erigiu uma estátua a George Orwell à frente da sua sede para celebrar um outro tipo de Grã-Bretanha, uma Grã-Bretanha de ceticismo e valores progressivos, embora isso tenha causado um debate sobre se ele não seria demasiado de esquerda. Do mesmo modo, quando a sufragista Millicent Fawcett se tornou a primeira mulher a ser homenageada na Parliament Square, colunistas de jornais rivais discutiram se ela merecia lá estar. E não são apenas as estátuas. A intervalos regulares, o Banco de Inglaterra põe um novo rosto numa nota bancária, o que proporciona uma nova razão para discutir sobre quem somos, tal como as figuras escolhidas para serem homenageadas em selos. Tudo isto se torna bastante cansativo.

Mas, apesar de os britânicos parecem discordar profundamente sobre que antepassados devem ser celebrados, concordam

claramente numa coisa: no tipo de pessoas que merecem ser recordadas. Todas estas pessoas — sufragistas ou não, imperialistas ou socialistas — deixaram uma marca no mundo, quer tenham conquistado o grosso da África do Sul ou feito campanha para acabar com a escravatura. A Grã-Bretanha gosta de se ver como um lugar que sabe o que quer, e como um lugar que não tem medo de ficar sozinho na sua posição.

Mas essa autoimagem cada vez menos encaixa no modo como a Grã-Bretanha se tem comportado nas últimas décadas, nas quais se concentrou muito mais em ajudar os outros a conseguir o que querem, e a ganhar bem a vida a fazê-lo, do que em propor a sua própria visão sobre como o mundo deve ser. Quando os ditadores querem um lugar para esconder o seu dinheiro, voltam-se para a Grã-Bretanha. Quando os oligarcas querem alguém que lhes lave a reputação, vêm para a Grã-Bretanha.

É a isto que me refiro quando digo que a Grã-Bretanha se comporta como um mordomo. É um facilitador de aluguer amoral, um executante por dinheiro, que esconde a realidade do que está a fazer por trás de tradições antiquadas, alusões literárias, imaculada alfaiataria à medida, referências à Segunda Guerra Mundial e uma atitude sobranceira. Mas, se a Grã-Bretanha é um mordomo, para quem está a trabalhar? Quem são os equivalentes aos *flâneurs* e *boulevardiers* por cuja conta Jeeves agrediu polícias, roubou pratas e forneceu vestuário de noite imaculado a tempo do jantar? É essa a pergunta a que tenciono responder neste livro.

Há, no entanto, uma coisa que podemos desde já esclarecer. Enquanto os clientes de Jeeves eram aristocratas patetas, os clientes da Grã-Bretanha são algumas das piores pessoas vivas, e os sarilhos de que precisam de sair estão muito longe de ser divertidos. Têm vítimas reais cujas perdas são muito superiores aos ganhos da Grã-Bretanha. Em resultado, as histórias que vou contar não vão ser, nem de longe, tão divertidas como as do Sr. Wodehouse. Pelo contrário, o assunto não poderia ser mais sério.

Alguns dos números que vou citar nos capítulos que se seguem são enormes. Centenas de milhares de milhões de libras são lavadas anualmente pelo sistema bancário britânico. Trata-se de dinheiro roubado a pessoas que precisam dele desesperadamente, que se destinava a pagar os salários de enfermeiros ou professores, ou a ser usado para construir estradas ou redes elétricas, mas que acabou, ao invés, nas contas bancárias *offshore* de políticos desonestos ou empresários vigaristas, graças à discrição e às capacidades do Mordomo Britânico. Se se sentasse a contar cem mil milhões de libras, ao ritmo de uma libra por segundo, levaria mais de três mil anos. Teria tido de começar a contar aquando da Guerra de Troia para chegar aos cem mil milhões pelos dias de hoje.

E a Grã-Bretanha não se limita a ajudar os cleptocratas a roubar esse dinheiro; fornece-lhes também um lugar para o gastar. No início da crise da covid-19, quando as viagens internacionais pararam, um grande problema dos nigerianos ricos era que subitamente não podiam visitar os seus médicos, que estavam todos em Londres. A capacidade da elite nigeriana de ter acesso a cuidados de saúde de primeira qualidade enfurece desde há muito os seus compatriotas mais pobres, que não têm outra escolha quando adoecem senão irem às clínicas subfinanciadas e sobrelotadas. Os políticos prometem consistentemente fazer algo quanto a isto quando procuram ser eleitos, depois não o fazem, preferindo em vez disso serem eles a viajar para o estrangeiro. Em 2019, os gastos em saúde do governo nigeriano eram de apenas 11 dólares por pessoa, o que mal chega a um oitavo do que o Banco Mundial recomenda que se gaste para cobrir as necessidades básicas. As instalações médicas da Nigéria estão em mau estado, faltam medicamentos, e muitos médicos recém-formados emigram. Na saúde, tal como nos serviços jurídicos, na banca e em tantas outras coisas, a Grã-Bretanha fornece uma alternativa de luxo a que as elites de outros países

podem recorrer enquanto arruínam os seus próprios sistemas, tornando-os ferramentas de roubo, mais do que de governação.

«A Nigéria tem dois sistemas de saúde. Quem não tem dinheiro vai a pastores e imãs à procura de milagres», disse-me o romancista e ensaísta nigeriano Okey Ndibe. «Quem tem carradas de dinheiro ou boas ligações políticas apanha um avião para o estrangeiro para receber bom tratamento. Quando adoecem, gostam de ir de avião para a Grã-Bretanha.»

Quando digo Grã-Bretanha, não me refiro apenas ao Reino Unido, mas também ao seu arquipélago de territórios *offshore*, que têm os seus próprios parlamentos, mas são supervisionados pelo governo em Londres. Graças a eles, a Grã-Bretanha pode fornecer serviços de mordomo não apenas a estrangeiros ricos, mas também aos britânicos ricos e às suas empresas. Os mesmos truques que permitem aos nigerianos ricos explorar os seus compatriotas também permitiram, por exemplo, que as empresas de jogo britânicas se tenham sediado em Gibraltar e suguem dinheiro para fora do Reino Unido. Isto significa que também existem vítimas na Grã-Bretanha, incluindo centenas de jovens que cometeram suicídio em resultado direto de se terem tornado viciados em produtos oferecidos por empresas problemáticas.

Pensar como um mordomo impede que se tenha compaixão pelos menos afortunados do que nós. Não existe solidariedade no mundo de P. G. Wodehouse; Jeeves ajuda os que lhe podem pagar, e todos os outros que se desvincilhem. Wodehouse reconhece claramente a ironia disto, fazendo até humor com Jeeves a servir uma refeição substancial a uma família de revolucionários que — através de uma série de improváveis reviravoltas narrativas — acaba a jantar no luxuoso apartamento de Wooster.

«Sabes o que és, meu rapaz? És uma relíquia absoluta de um sistema feudal arruinado», diz um revolucionário a Jeeves.

«Sim, senhor», responde-lhe Jeeves.

Isto é apenas o início. Existem muitos mais clientes abastados para os britânicos aconselharem, e muitos mais jovens recém-graduados inteligentes para serem atraídos para os servir, o que inevitavelmente mina a qualidade dos serviços disponíveis para o resto do mundo. É agora tão lucrativo para britânicos inteligentes e bem relacionados servir como mordomo que números cada vez maiores das crianças mais dotadas do país têm escolhido seguir o negócio da família em vez de fazerem algo mais construtivo ou mais generoso.

Os juízes já estão a alertar para o facto de os tribunais britânicos estarem a sofrer com a relutância dos melhores advogados em abrir mão das comissões que podem receber de oligarcas que pagam bem para se tornarem juízes. «Se a profissão deixar de fornecer os melhores e os mais inteligentes para nomeação ao assento, a reputação de qualidade superlativa de decisões da nossa jurisdição desvanecer-se-á rapidamente. Tornar-se-á uma profecia que se cumpre a si mesma», disse um juiz num discurso de 2018. É um argumento forte, mas apenas se aplica se os advogados se virem a si próprios como parte de uma comunidade maior. Se pensam em si como indivíduos dispostos a dar o seu melhor por aqueles que lhes pagam — em suma, como mordomos —, então não há razão para eles se preocuparem de todo com as perspetivas a longo prazo para as instituições do país. Já nem sequer têm de depender da Grã-Bretanha para arranjar emprego. Advogados empreendedores abriram tribunais no Dubai e no Cazaquistão, aplicando a lei inglesa e empregando advogados britânicos para apoiar os esforços dos governos locais interessados em desenvolver os seus sistemas financeiros.

Os britânicos que estejam a ler isto poderão encrespar-se com estas críticas. Claro que nem tudo na Grã-Bretanha é negativo — o rûguebi galês, a literatura escocesa, as universidades britânicas são todas contribuições estelares para tornar o mundo um lugar melhor. O país que inventou os *pubs* não pode, naturalmente,

ser inteiramente mau. Nem todas as pessoas do país são amorais ao ponto de aceitarem dinheiro de qualquer pessoa, e claro que o país tem muito mais a seu favor além da indústria de mordomos. Mas, depois de ler os capítulos que se seguem, espero que duas coisas fiquem claras: primeira, que a tendência é comum de um modo alarmante, muito mais comum do que poderíamos ter pensado; e, segunda, que muita da elite nacional se dedica a servir os interesses dos ricos e poderosos, independentemente de quem sejam e quaisquer que sejam os seus interesses. Tanto do que torna a Grã-Bretanha britânica, e de que os britânicos se orgulham tanto — a sua história, tradição, humor, instituições —, tornou-se um fato que as elites do país vestem enquanto percorrem o mundo à procura de novos clientes.

Este é um tema demasiado vasto para tentar abranger num livro; um relato exaustivo preencheria dezenas de volumes do tamanho deste livro. Também foi um tema delicado para investigar durante o confinamento. Normalmente viajo bastante, com todos os encontros acidentais que isso gera, quando estou a fazer pesquisa para os meus livros. Contudo, novas técnicas de pesquisa provaram ser surpreendentemente recompensadoras, e levaram-me a escândalos que eu não fazia ideia de que existissem. Ao contar a história do Mordomo Britânico, escolhi concentrar-me em alguns pormenores e descrevê-los cuidadosamente. Os relatos de aspetos específicos do comportamento da Grã-Bretanha ao longo dos últimos setenta anos são representativos de um todo muito maior.

Uma das razões pelas quais decidi escrever este livro foi o facto de, nos meses e anos após a decisão do Reino Unido de sair da União Europeia em 2016, existir muita angústia sobre o tipo de país que a Grã-Bretanha devia ser, sem que existisse — pelo que consegui ver — muita discussão pública sobre o tipo de país que na verdade era. O Brexit parecia na altura uma crise que exigia uma resposta, mas foi desde então eclipsada pela crise

muito mais séria da covid-19. A necessidade de diagnosticar o que está mal na Grã-Bretanha tem sido amplificada pela pandemia, que expôs tensões em muitos países, mas atingiu o Reino Unido — com a sua taxa de mortes desproporcionadamente elevada e resposta governamental aos tropeços — de modo particularmente duro. Espero que, quando a crise passar, os políticos britânicos aprendam as lições e procurem forjar um novo tipo de país que não veja todas as situações como uma oportunidade de receber uma comissão, e não se empenhe de modo tão apressado na facilitação do tipo de atividades que descrevo neste livro, mas que atue mais como o país de heróis que alega admirar.

Não se trata de uma esperança irrealista. Existem períodos em que a história acelera e as sociedades levam a cabo transformações que normalmente levam décadas. Sabemo-lo, porque foi precisamente uma dessas crises que deu à luz a carreira de mordomo da Grã-Bretanha, nos anos em que os meus pais eram novos e eu não era ainda um pensamento sequer.

O LIVRO QUE OS OLIGARCAS NÃO QUEREM QUE LEIA

A Crise do Suez de 1956 foi o ponto mais baixo da Grã-Bretanha no século xx, o momento em que a outrora superpotência foi forçada a abdicar do seu império. Tendo perdido as glórias e a riqueza do passado, que papel iria este histórico país desempenhar a partir de então de modo a prosperar? A verdade é que a Grã-Bretanha não levou muito tempo a encontrar outro papel a nível global. Até arranjou uma indumentária própria. Os líderes mundiais é que demoraram a aperceber-se disso.

Este livro revela a escandalosa realidade de como a Grã-Bretanha se colocou no centro da economia *offshore* global e ao serviço das piores pessoas do mundo, sendo agora uma nação de mordomos, facilitando crimes financeiros e comportamentos ilícitos, e bafujando sem quaisquer escrúpulos quem lhe dê um retorno financeiro. Se os grandes líderes mundiais estão determinados a colocar o combate à corrupção no centro das suas políticas externas, então, terão de enfrentar a Grã-Bretanha.

«É difícil imaginar um livro mais atual — um relato explosivo, tão brilhante quanto deprimente, de décadas de conforto financeiro obtido de modo ilícito e sobre os políticos que permitiram que isso acontecesse. É preciso coragem para escrever e publicar um livro como este.

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@ penguinlivros

ISBN 9789896239404



9 789896 239404 >